

## ROBERTO GERALDO BARUZZI

*“Minha marca na Escola Paulista de Medicina acabou sendo o programa do Xingu”*

Meu nome é Roberto Geraldo Baruzzi. Nasci na Maternidade de São Paulo, em São Paulo, em 12 de abril de 1929 e passei os primeiros anos de minha infância em Guaratinguetá, no vale do Paraíba. Meus pais eram brasileiros, meus avós vieram da Itália na década de 1890. Tenho um irmão gêmeo e outro pouco mais novo. Meu pai era ligado ao ramo de hotelaria, o que levou a família a morar em Guaratinguetá e depois em São Paulo, Piracicaba e novamente em Guaratinguetá. Gosto muito dessa cidade e lembranças da infância sempre me vêm à memória... Lembro-me das boiadas que passavam em frente ao hotel e de vez em quando acontecia um estouro da boiada ... era impressionante ver aquilo e também era engraçado assistir às festas, principalmente a de São Benedito, aliás, este era um acontecimento e de tal maneira era importante que metade dos funcionários do hotel faltava ao trabalho no dia do santo.

Os estudos comecei no grupo escolar de Piracicaba e quando voltei à Guaratinguetá já estava no terceiro ano do curso primário ... Tentei entrar no Colégio Modelo, mas como não tinham mais vagas, acabei entrando no Flamínio Lessa. Na cidade, as crianças de classe média tendiam a estudar no Modelo. Quem sobrasse estudava no Flamínio Lessa, e este foi meu caso... Era um aluno regular e não fui aprovado no exame de admissão ao Ginásio Nogueira da Gama, em parte por causa de minha letra que era horrível. Um episódio recente mostra que ela não melhorou muito ao longo dos anos: um colega ao folhear umas fichas médicas de índios do Xingu da década de 1970, julgando que haviam sido preenchidas por mim, fez o seguinte comentário – “daquela tempo até hoje sua letra piorou bastante”. Esclareci o engano, haviam sido abertas por um companheiro de equipe médica. . Eu gostava de História e sempre gostei de ler, lia vários livros: de Érico Veríssimo, Karl May, Emilio Salgari e outros; de Monteiro Lobato tinha a coleção toda, adorava.... Na Biblioteca Pública da cidade, eu tinha acesso aos livros do Tesouro da Juventude.

Quando nos mudamos para São Paulo, comecei a amadurecer em minha cabeça a idéia de fazer medicina; não foi nenhum lampejo, nenhum impulso, era mesmo minha vontade, uma coisa inexplicável, quase inata...Em São Paulo, estudava à noite no Colégio Ipiranga e depois no Colégio Estadual “Presidente Roosevelt”. . No tempo oportuno, fiz o Cursinho Brigadeiro, com a idéia de entrar na Escola Paulista de Medicina, mas não consegui nessa primeira tentativa. ... Naquela época a Escola Paulista de Medicina tinha uma ligação com o cursinho do Colégio Pan-Americano, era preparatório para o seu vestibular e a maioria dos que entraram na Paulista vinha do Pan-Americano. Lógico que havia uma preferência para alunos que vinham daquele cursinho, que afinal era mesmo orientado para a Escola. Mas, acabei entrando na Paulista em 1952. Sempre estudei e trabalhei, sempre... Nessa época trabalhava na Caixa Econômica Federal, na rua 24 de Maio, das 17 às 22 horas; bom tempo depois, no final do curso, passei para o Departamento Médico da Caixa, na Praça da Sé, atendendo muitos pacientes em plena epidemia de Gripe Asiática que então acometia a população de São Paulo. Como médico, fiquei por mais vinte

anos na Caixa Econômica, os últimos dez como chefe do Departamento Médico.. Aposentei-me em 1977, porque comecei a trabalhar muito cedo. Na verdade, devo dizer que escolhi o vestibular da Escola Paulista de Medicina porque eu morava próximo, o que facilitava bastante, claro que levei em conta a qualidade da instituição, mas tinha esse grande motivo, digamos “geográfico”.

Logo que entrei, me dei bem com todo mundo, com os colegas, com os professores, senti-me em casa. O pessoal da USP nos chamava pejorativamente de “escolinha” ... “Escolinha” pela falta de tradição e espaço físico comparado à USP. Mas, na verdade, estes fatores facilitavam o contato entre os alunos, todo mundo se conhecia, éramos quase uma família...Depois de um tempo de Escola, durante o curso, decidi que queria fazer clínica médica... Havia duas clínicas na Escola, uma do professor Jairo Ramos, outra do professor Otávio de Carvalho. Logo no segundo ano podia-se fazer um estágio no Laboratório Central do Dr. João Marques de Castro e então se habilitar, no ano seguinte, a ser monitor da clínica. Fiquei como monitor da clínica do terceiro ao sexto ano. Depois, fiz residência em clínica, sempre na Clínica do professor Jairo Ramos. Aconteceu que houve uma ampliação do quadro de docentes e então fui contratado como professor-assistente em tempo parcial. Por dois ou três anos, fui médico da Clínica São Luiz, do Hospital São Luiz, recém criada por Dr. Alceu, que havia solicitado ao Departamento de Clínica Médica a indicação de um clínico.

Em 1962, fiz o Curso de Medicina Tropical com o professor Carlos da Silva Lacaz. No ano seguinte me casei. Quatro anos depois fui para um curso de Saúde Pública na Bélgica. A proposta era muito interessante porque os belgas tinham grande experiência em doenças tropicais no antigo Congo Belga; o mesmo era válido para alguns professores holandeses, que colaboravam no curso, em relação à Indonésia. Alguma coisa acontecia dentro de mim e me interessava muito por tudo aquilo, pela atividade da medicina pública. Tinha minhas dificuldades porque até então não falava outra língua que não o português, Antes de ir tentei melhorar meu inglês, mas não deu muito certo. Então fui para o francês, que gostava mais, e na Bélgica me virei bem, não era grande coisa, mas lá progredi e tanto que até fiz o discurso de despedida em nome do grupo francófono na cerimônia de encerramento do Curso. Acredito que fiz alguns progressos...

Quando voltei, estava com novas idéias. Felizmente tive a oportunidade de trabalhar com dois grandes nomes da Escola Paulista de Medicina: os professores Jairo Ramos e Walter Leser; eles marcaram bastante minha trajetória, como pessoas, não só como professores, ambos me ensinaram muito... Com o professor Jairo o contato era mais formal, mas eu respeitava muito sua figura. Muito, sempre o respeitei. Fiquei em sua Enfermaria de Clínica Médica, ligado ao ensino de Propedêutica. As visitas do professor Jairo à Enfermaria eram muito severas, examinava os pacientes de leito em leito para esclarecer dúvidas, os alunos morriam de medo porque ele prestava atenção à tudo .. Aprendi muito com ele.

Como estava com novas idéias na cabeça, deixei a Clínica do Hospital São Luiz e comecei a me aproximar da Medicina Preventiva com o professor Leser. Minha entrada no Brasil Central se deu da seguinte maneira: o jornal A GAZETA , vespertino de grande circulação em São Paulo, publicou que uma caravana médica chefiada pelo Dr. Oswaldo Monteiro de Barros saíra de São Paulo para atender sertanejos e índios na região do médio rio Araguaia, no Brasil Central. Depois de algum tempo, por acaso, vim a conhecer o Dr. Oswaldo numa visita que ele fez ao Departamento Médico da Caixa Econômica Federal. Falei que havia gostado muito de saber da Caravana Médica ao Araguaia, uma proposta

muito interessante para uma população totalmente carente de atenção de atenção à saúde. Dr. Oswaldo respondeu dizendo que me convidaria para participar da próxima Caravana.

Realmente, eu estava muito interessado no projeto e animado a participar. Houve uma outra Caravana em julho de 1963, e logicamente eu estava nela. Os participantes se dividiam em grupos que atendiam em locais previamente determinados. O avião da FAB deixava um grupo em Santa Isabel, na Ilha do Bananal, outro em Conceição do Araguaia, no sul do Pará. Desses locais os grupos se sub-dividiam para atender também em Santa Terezinha, na margem direita do Araguaia (MT) e em Araguacema, sul do Pará. Fiquei em Santa Terezinha, uma pequena localidade, junto com dois médicos-residentes: Vicente Forte e Samuel Reibscheid, nosso atendimento se estendeu aos índios Tapirapé, no rio de mesmo nome. A experiência teve continuidade, sempre levávamos alguns medicamentos, amostras grátis. O que podíamos fazer efetivamente era algo provisório, um diagnóstico rápido, pois não tínhamos condições de fazer muita coisa além dessa assistência; mas alguns casos necessitavam de pequenas cirurgias e para isso usávamos o pequeno hospital de Conceição do Araguaia, de uma ordem religiosa.

Essas viagens duravam uns vinte dias e cada vez mais levavam gente da Escola. Não havia nenhuma espécie de escolha, como se poderia pensar; eu chegava, dizia que iria participar da caravana e perguntava quem gostaria de ir comigo... Assim, foram vários, como Manuel Lopes dos Santos, médico-residente, que viria a se tornar Diretor da Escola Paulista de Medicina, e Paulo de Lima Pontes, futuro Professor Titular de Otorrinolaringologia, além de muitos outros. Deixo de citar mais nomes, pois certamente não conseguirei me lembrar de todos, e iria omitir muitos nomes. A viagem de 1964 foi particularmente importante para mim, porque o Dr. Oswaldo não pode ir e pediu para que eu coordenasse a equipe. Era uma imensa responsabilidade não só pela função, mas pela pessoa a quem tinha a responsabilidade de substituir... Fiquei em Conceição do Araguaia e tive a oportunidade de entrar em contato com outros povos indígenas, como os Caiapó e entre eles com um grupo recém-contactado. Também estive com os Carajá, da Ilha do Bananal. Acredito que chefiar bem o grupo... Uma situação que também me deu novas idéias foi quando o avião, na volta para São Paulo, fez um pequeno desvio da rota para deixar um piloto da FAB no Xingu e pousou no campo do Posto Leonardo Villas Bôas. Uma pessoa, que depois eu soube ser o Álvaro Villas Bôas, se dirigiu ao avião e perguntou se havia alguém para atender um índio que estava muito mal ... Fui ver o que se passava com o índio e prestei o atendimento necessário, não era grave. Fiquei com aquilo na cabeça e ao chegar a São Paulo vim com a idéia de conhecer melhor o trabalho dos irmãos Villas Bôas no Xingu, de também fazer alguma coisa por aquela região... Curiosamente, na ocasião, li no jornal que o Orlando ia proferir uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Fui com o objetivo de encontrá-lo, mas não o conhecia pessoalmente; cruzei no corredor com um cara de barba rala, magro; cumprimentei-o de passagem com um aceno, ele respondeu da mesma forma e, pronto, ficou nisso; depois falando com algumas pessoas, descobri que aquele era o Orlando Villas Bôas... foi mesmo um desencontro. Mas algum tempo depois ele apareceu na Escola e queria falar comigo, tinha visto nos jornais matérias sobre as Caravanas ao Araguaia, finalmente nos conhecemos.

Do encontro com o Orlando nasceu um acordo: nós mandaríamos um grupo médico para ajudar no trabalho deles... Como ninguém financiava, ninguém recebia nada. De colaboração apenas recebíamos a ajuda da FAB que levava os médicos, e pronto. De toda forma resolvemos transformar isso num programa... Então fizemos um acordo, com o apoio

do professor Walter Leser, a Escola se comprometia a mandar equipes de saúde e abria o Hospital São Paulo para retaguarda hospitalar... E minha vida começava a tomar uma direção completamente nova...Acredito que tudo isso foi decorrência da viagem para a Bélgica, depois dela mudei completamente... Ai começamos a mandar equipes médicas e iniciamos também um plano de vacinação... O Orlando explicou aos índios e fomos muito bem recebidos por todos eles. Começamos a organizar viagens quatro vezes ao ano...

Com isso dava-se um projeto novo para a Escola. Era a primeira universidade que se abriu desse jeito, não havia isso no país, e não tem até hoje. Um projeto de assistência a índios era coisa inédita, o nosso projeto não era só pesquisa, tinha pesquisa, mas principalmente tinha assistência, com retaguarda hospitalar e vacinação, e também integrava a parte de ensino. Nós encontramos no Xingu uma situação muito difícil, morria, por exemplo, muita de gente de malária...Então nós tivemos uma idéia, a qual devo muito ao Dr. Oswaldo Ramos, pois partiu dele que era o momento de montarmos uma ficha medica...Passamos a ter fichário dos índios, com todas as informações: nome, fotografia, tudo do exame medico, foi algo inédito...

Como era um novo contato com a cultura indígena, dessa vez no Xingu, nós tivemos muito cuidado com isso. Inclusive costumávamos dizer que nós estávamos levando os recursos da medicina, mas sem destruir o que eles tinham. Não tinha formulado uma idéia previa, no Araguaia atendia mais a população cabocla, era diferente, eles estavam acostumados com esse contato, lá tinha até missão religiosa. O contato direto com os índios foi mesmo no Xingu, e a partir daí as coisas foram acontecendo, o programa foi caminhando. Também não tinha competição entre os cuidados de saúde deles e os nossos...Eles mantinham a medicina deles, com os pajés responsáveis pela saúde nas aldeias. Isso era quase uma sinergia. Não era um caso de um contra o outro, nós respeitávamos a capacidade deles, suas crenças e tradições, e eles respeitavam a nossa capacidade, o que tínhamos a oferecer, sabiam que estávamos lá para ajudar. Às vezes nós conseguíamos resolver o problema do paciente, às vezes os pajés eram mais indicados...Uma vez tivemos uma criança em coma provocado pela malária, tentamos de tudo, mas não dava certo, e o pai resolve tirar a criança, nós tentamos fazer com que ele mudasse de idéia, sem conseguir, então, desligamos o soro com antimalárico que estava sendo aplicado por via endovenosa, ficamos desolados. De repente a criança volta para dar continuidade ao tratamento, o pai havia levado a criança para o pajé e voltou animado. A criança se curou, a participação do pajé foi importante...Às vezes, em casos graves, falávamos que o paciente tinha que ser transferido para o Hospital São Paulo, que estava lá, na retaguarda, mas os pais ficavam desconfiados... Não acredito que era por má-fé, eles nos recebiam muito bem, mas não estavam acostumados com a gente, então, eles levavam o paciente para o pajé que na grande maioria das vezes reforçava o que dissemos, falando que o melhor era mesmo a transferência, aí eles aceitavam...Mesmo nos recebendo bem, e com todo o êxito que obtivemos, os índios tinham seus pajés e demandavam sua assistência e orientação

O trabalho era muito difícil, mas todos estávamos muito bem formados em clinica, estávamos preparados para aquilo. Como antes tinha trabalhado com o professor Jairo Ramos, tinha uma boa formação, não me sentia despreparado para aquele desafio no Xingu. Claro que não tínhamos tecnologia, não tinha como fazer muitos exames, não tínhamos sequer Raio-X e outras coisas, nosso conhecimento era importante. Além disso, sempre tínhamos a possibilidade de remover alguns pacientes em estado mais grave para São Paulo. Também houve situações que não tinham jeito, o paciente não podia esperar, ou não

havia condições de transportá-lo imediatamente, então, mesmo com a falta de condições, tínhamos que agir, algumas vezes operávamos lá mesmo, e na maioria das vezes dava certo, felizmente. Passamos a ter um grande contato com a cultura indígena, participávamos de reuniões, visitávamos casas...E nisso montei, em 1983, num espaço na Escola Paulista de Medicina a Sala EPM-Xingu, com peças e artefatos que me deram de presente ao longo do projeto. Uma vez, estávamos visitando uma casa na aldeia Tapirapé, e a índia nos deu, por insistência de uma “Irmãzinha”, religiosa de uma ordem francesa, um boneco feito cera de abelha (Tupã?) que estava numa das paredes da oca. Essa peça devia ter um valor mítico-religioso muito alto para aquele povo, e por isso relutei em aceitar, mas não tinha jeito, fiquei muito constrangido, mas aceitei...Muitos acham estranho esse espaço numa faculdade de medicina, mas é bom para ela, é um novo foco médico-pedagógico. Infelizmente o espaço que temos para expor as peças xinguanas é pequeno, se comparado com a anatomia, onde guardamos algumas cerâmicas, por exemplo, mas estamos lutando para aumentar a sala EPM-Xingu. E muitos adoram vir a este espaço, tem até uma escola, a Paulistinha, que sempre nos visita na Semana do Índio...Creio que a própria Escola incorporou essa coisa da cultura xinguanas, tamanho o sucesso desse projeto...O pessoal da USP, sempre eles, agora chamam os alunos da Escola Paulista de índios, e creio que isto é recente, não nos chamavam assim na minha época de estudante, ou seja, é mais uma consequência do sucesso do programa, que já está tão identificado com a Escola que até os “rivais” da USP fazem essa ligação...

Depois, tivemos uma fase difícil do Projeto...A FAB, depois da revolução, deixou de ser uma arma para o progresso do Brasil Central, e torna-se uma arma de defesa...E ela fez falta, como dizia o Orlando – “o pessoal do Brasil Central conhecia o avião antes do caminhão, antes do carro”, e a saída da FAB nos prejudicou muito, perdemos o apoio. Com isso as expedições passaram a levar menos gente...Porém, sempre tive o cuidado de procurar levar estudantes para dar continuidade ao programa. Em 1996, me aposentei como professor titular, hoje sou consultor científico do programa Xingu...O Douglas, que começou nos anos 1980, como médico-residente, hoje é o coordenador...Logo a seguir tivemos a participação da Sofia, que continua até hoje, agora como médica e antropóloga. Ao longo dos anos, o programa passou por mudanças, principalmente no que diz respeito a parte administrativa...Começamos com os Villas Bôas, depois firmamos convênio com a Funai, e em 1999, a Funai deixa à parte de saúde para a Funasa, e a cada ano o convênio é renovado, e vêm mais recursos...Antes dividíamos com a Funai as ações de saúde, agora recebemos recursos da Funasa e dirigimos o programa em sua totalidade, inclusive na parte administrativa e financeira, o que é um abacaxi tremendo...Agora temos profissionais fixos no Xingu. Estamos fazendo cursos para preparar pessoal indígena com o objetivo de no futuro terem condições de gerir o programa, porque certamente ficará muito complicado para a Escola executar, administrar e dirigir o programa sozinha...

Acredito que só consegui coordenar o projeto graças a muita persistência e esforço, sem isso seria muito complicado, mesmo com as parcerias e com toda a estrutura da Escola...A minha marca na Escola Paulista de Medicina acabou sendo o programa do Xingu, ele me marcou, e eu marquei a Escola com ele...Hoje o projeto faz parte da Escola, com certeza...Foi o programa do Xingu que mudou, enriqueceu a minha vida, não os vinte anos como médico da Caixa Econômica, ou coisas assim...Não escrevo muito sobre isso, mas já escrevi notas para palestras, e também para um livro. Escrever, para mim, no entanto é coisa meio de marinheiro de primeira viagem...Em minhas reflexões sempre faço questão de incluir todas as pessoas que me ajudaram, amigos, antropólogos, doutores e professores

da Escola Paulista, e, acima de tudo, faço questão de realçar o papel dos alunos no projeto...Pois é o interesse deles que mantém o funcionamento do projeto, sem isso ficaria complicado...Por outro lado creio que o Xingu foi uma experiência gratificante para os alunos e para alguns chegou a influenciar em suas atividades futuras. Por exemplo, a Marina, enfermeira que participou do programa no Xingu, depois foi para Angola, onde as condições de saúde são muito precárias, e vai para a Zâmbia agora, também de condições precárias; trabalhar por lá não é fácil, mas ela gosta, foi o caminho que ela escolheu, e acredito que o Xingu ajudou nisso! Isso é muito gratificante. No trabalho xinguno tive contato com ótimos profissionais e fiz muitos amigos...

E acredito que esse programa vai durar por muito tempo, tem muita gente interessada em dar continuidade...O programa do Xingu é conhecido no país, e também fora do país. Isto não é pouca coisa...Dra. Carla, formada na Escola, participou do programa antes de ir para a Universidade de Manitoba, no Canadá, onde ao lado de outras atividades começou a dirigir um programa na Faculdade de Medicina de Winnipeg destinado a acolher e apoiar indígenas ingressos em seus diferentes cursos...Infelizmente, ela faleceu cedo...deixou saudades...

Tive oportunidade de encontrar no Xingu e Exterior alguns antropólogos brasileiros e estrangeiros que se dedicaram ao estudo de povos indígenas no Brasil. Esses estudos, no que se refere ao Xingu, se voltaram para as seguintes etnias: Kamaiurá (Carmen Junqueira), Suyá (Anthony Seeger), Txicão ou Ikpeng (Patrick Menget), Waurá (Kenneth Brecher) e Kreen-Akarore ou Panará (Richard Heelas). Quero me referir, ainda, a John Hemming, historiador inglês, que muito escreveu e publicou sobre os índios no Brasil desde o “descobrimento” até tempos recentes. Estivemos juntos em algumas viagens ao Xingu e nos tornamos muito amigos.

O programa Xingu sempre teve apoio de diretores e reitores da Unifesp/EPM. O atual reitor, Ulysses Fagundes Neto, pediatra, em 1977, defendeu sua tese de doutorado sobre as condições de nutrição das crianças. Xingu. Perguntam-me se a realização do programa do Xingu só teria sido possível aqui e não em outra faculdade. É muito complicado responder se essa proposta vingou por causa do espírito da EPM...não sei se em outro local teria a juventude que me acompanhou, as pessoas que me ajudaram. Creio que talvez isso pudesse acontecer, por exemplo, na Santa Casa ou na USP, desde que houvesse o apoio aqui encontrado.

A Unifesp/EPM entrou numa fase de plena expansão, que acredito vai ser muito proveitosa para o projeto Xingu. Ao completar mais de quatro décadas do projeto, formou-se um considerável acervo áudio-visual e de fichas médicas e documentos em geral. Este acervo está muito ligado às minhas lembranças e considero um compromisso pessoal contribuir para sua organização e preservação, possibilitando o acesso ao mesmo de estudiosos e do público interessado na temática indígena. Recentemente, tive contato com o pessoal do Departamento de História do Campus de Guarulhos, que se prontificou a colaborar e orientar; o mesmo ocorreu com relação à Cinemateca e ao Memorial da América Latina, na pessoa de Maureen Bisiliat, diretora do Pavilhão da Criatividade.

O meu propósito de trabalho para os próximos dois ou três anos, se assim for possível, estará voltado para a salvaguarda do acervo xinguno da Unifesp/EPM, contando com o apoio de todos que participaram ou conhecem o Projeto Xingu. Se, os professores Jairo Ramos e Walter Leser tiveram grande influência em minha formação médica, o mesmo é válido para Orlando Villas Bôas, um grande amigo, no que se refere ao meu trabalho em áreas indígenas.

Para encerrar, quero destacar a figura extraordinária de Orlando Villas Bôas que, ao lado de seu irmão Cláudio, inseriu páginas importantes na política de preservação física e cultural de povos indígenas e na defesa de seus direitos.

Roberto G. Baruzzi